

**CLASSIFICAÇÃO DE USOS DO “MAS” EM DADOS DE CORPORA  
LONGITUDINAIS**

Giovana Dragone Rosseto ANTONIO

Karoline Moraes OLIVEIRA

(Orientadora): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Bernadete Marques Abaurre

**RESUMO:** As gramáticas tradicionais geralmente definem a conjunção “mas” como aquela que relaciona idéias contrastantes; “a conjunção adversativa por excelência” (Rocha Lima). Nosso objetivo neste trabalho foi analisar o uso do “mas” em situações reais de escrita com o intuito de observar se essas definições realmente se aplicam em tais casos. Para isso, analisamos dados dos corpora longitudinais de M.L e L.M. Buscamos classificar os dados de acordo com suas ocorrências e dividi-los em algumas categorias que se mostraram mais freqüentes. A saber: adversativas, continuidade, suposições, operador argumentativo, operador discursivo, interrupções e fórmulas. Verificamos, assim, que o “mas” pode exercer funções além daquela colocada pela definição de conjunção adversativa.

Aquisição de escrita - Conjunção “mas” – Classificação de dados – Corpus Longitudinal

### **1. Introdução**

Este trabalho faz parte do Projeto de Pesquisa intitulado *O estatuto dos dados indiciais e das provas nos estudos qualitativos sobre linguagem e estilo* (CNPq/ 503509/2004-3). O projeto conta com dois corpora longitudinais, o de M.L. e o de L.M., utilizados nesta pesquisa que apresentamos.

Ambos os sujeitos são do sexo feminino, filhas de pais letrados e professores universitários. Residiam, no período considerado, em Campinas-SP, onde estudavam na Escola do Sítio. É importante observar que a escola se pautava por métodos menos convencionais que as escolas regulares.

Os corpora são formados por cadernos, bilhetes, agendas, cartas, exercícios propostos pelas professoras, desenhos, etc. recolhidos desde a pré-escola até o último ano do ensino médio. Nesta pesquisa utilizamos o material de M.L. referente ao primeiro ciclo do ensino fundamental, entre 1983 e 1986. Os dados analisados de L.M. correspondem a todo o ensino fundamental, cursado entre 1989 e 1996.

O nosso objetivo nessa pesquisa é analisar diversos usos da conjunção “mas” e verificar as diferentes funções que ela pode assumir em situações reais de escrita.

O presente trabalho é o desenvolvimento da pesquisa apresentada no SEPEG 2006. Ao incluirmos os dados de L.M. sentimos a necessidade de fazer algumas alterações nas categorias previamente estabelecidas.

## 2. Usos do “mas”

Para efeito de comparação, optamos por iniciar a análise com as definições que algumas gramáticas tradicionais dão às conjunções adversativas.

1. Relacionam pensamentos contrastantes. A conjunção adversativa por excelência é *mas*. Há outras palavras com força adversativa, tais como: porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, que acentuam, não propriamente um contraste de idéias, mas uma espécie de concessão atenuada.

Exemplos: Gosto de navio, mas prefiro avião.

Ele falou bem; todavia não foi como eu esperava.

(ROCHA LIMA, 1994:185)

2. Ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma idéia de contraste. Assim: mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto.

Exemplos: A luz da tua poesia é triste mas pura. (Manuel Bandeira)

Desta vez porém chorou deveras; não de mágoa, mas de raiva.

(Machado de Assis)

Obs.: Certas conjunções coordenativas podem assumir variados matizes significativos de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras ou orações) coordenados.

(CUNHA, 1970:392-393)

Podemos observar que as definições são bastante simples e parecidas. Os exemplos são poucos e sempre comprovam a teoria previamente proposta. As frases utilizadas são montadas, como nos exemplos de Rocha Lima, ou são citações descontextualizadas. Os autores não trazem uma variedade de enunciados de fontes diversas e, desse modo, não deixam espaço para uma discussão das categorias que estabelecem. Celso Cunha, por exemplo, resume o que poderia ser uma discussão extremamente complexa na única frase que coloca em sua observação.

Através da análise dos dados percebemos que não é possível encaixar certos usos da conjunção “mas” nas definições dadas pelos gramáticos. Observando os nossos dados, tentamos classificá-los de acordo com suas

ocorrências e dividi-los em algumas categorias que se mostram mais freqüentes. Neste trabalho estão citados apenas alguns dos exemplos mais significativos encontrados nos corpora.

É importante levar em consideração que, por se tratar de sujeitos reais, cada enunciado é singular e, portanto, dentro de cada categoria podem existir nuances. Isso, no entanto, não nos impede de estabelecer uma classificação, pois essa pode trazer elementos importantes para a compreensão do fenômeno observado.

## 2.1 Classificações

### 2.1.1 Adversativas

Nesta categoria se encontram as utilizações do “mas” que se encaixam nas definições mais usuais das gramáticas normativas. No entanto, não se trata de um grupo totalmente homogêneo. Observando os corpora, separamos os dados em dois grandes grupos.

No primeiro, que chamamos de “adversativas clássicas”, há dois enunciados distintos, com sujeitos diferentes, cuja relação de oposição só é estabelecida pelo uso do “mas”. Por exemplo:

*Maria estuda inglês, mas João estuda francês.*

O segundo grupo é subdividido em duas categorias, de acordo com a definição que Pinto (1989) faz em sua dissertação, retomando trabalhos de Ducrot.

“uma função como a do espanhol sino e do alemão sondern (simbolizados por SN) e outra correspondente ao espanhol pero e ao alemão aber (simbolizados por PA). Na função SN, o mas serve para retificar: exige que o enunciado p que o precede tenha a forma neg+p’, onde há uma refutação direta de p, retificada em q (“Ele não é inteligente, mas<sub>SN</sub> esperto”). Na função PA, p é apresentado como um argumento possível para uma conclusão r, e o mas introduz uma proposição q, que orienta para uma conclusão oposta àquela prevista a partir de p (“Ele é preguiçoso, mas<sub>PA</sub> é esperto”).” (1989:8-9)

Nos exemplos das gramáticas, já verificamos essa heterogeneidade. A frase de Machado de Assis é um exemplo de mas<sub>SN</sub>: “Desta vez porém chorou de veras; não de mágoa, mas<sub>SN</sub> de raiva”. Já a frase de Vieira é uma adversativa clássica: “Acabou-se o tempo das ressurreições, mas continua o das insurreições”. As demais apresentam mas<sub>PA</sub>.

Veremos a seguir como essas categorias aparecem nos nossos corpora.

### 2.1.1.1 Adversativas Clássicas

- (01) fulano adora jaboticabas, o sonho dele seria que o mundo fosse uma grande jaboticaba, **mas** por outro lado, sicrano adora goiabas e o sonho dele seria que o mundo fosse uma grande goiaba. (M.L., 4ª série)
- (02) O menino era meio iguorante igual ao pai **mas** Matilda era muito esperta. (L.M., 6ª série)

### 2.1.1.2

#### 2.1.1.2.1 Mas<sub>PA</sub>

- (03) Era uma vez um toga que achou um chorroca **mas** os dois erao amigo e o toga quis comer aveia... (M.L., 1ª série)
- (04) Lembranças da Infância  
(...) Ela falou que sabia dar banho em neneim e ela foi dar banho em mim. **Mas** ela deixou a minha cabeça ir dentro da água (...) (L.M., 3ª série)

#### 2.1.1.2.2 Mas<sub>SN</sub>

- (05) o alvo dele não é o urso porque é fofinho **mas** sim por que era dordinho e dava para comer e fazer um cobertor (M.L., 1ª série)
- (06) Os hebreus eram nomades não porque eles queriam **mas** sim porque eles não tinham uma terra. (L.M., 7ª série)

### 2.1.2 Continuidade

Neste grupo englobamos dados em que o “mas” tem uma função primariamente coesiva. Notamos, em nossos exemplos, que o “mas” tem um uso bastante próximo ao da oralidade. Isso ocorre pelo fato de se tratarem de sujeitos na fase inicial de aquisição da escrita. Provavelmente, indivíduos com maior tempo de contato com a modalidade escrita selecionariam recursos distintos para expressar as mesmas idéias.

No entanto, não podemos deixar de observar que na maioria dos casos em que o “mas” é visto como um mero marcador de continuidade, ainda é possível encontrar um caráter adversativo que justifica sua escolha em detrimento de outros marcadores como “aí”, “então” etc. Nos dados analisados, há uma

gradação da adversatividade, indo do praticamente inexistente ao fortemente marcado. Por isso, optamos por reunir em uma única categoria os dados que antes havíamos classificado como *continuidade* ou *continuidade + adversativa*.

(07) [Gugu] adorava filé e seus fofinhos filinhos **mas** debaixo do moro atravessado o lago de peixe abita tam bem o seu: amigo cocoala... (M.L., 1ª série)

(08) O Chico Bento ele fala errado, mora num sítio **mas** o que ele mais gosta é namorar a Rosinha. (L.M., 3ª série)

(09) Era uma vez dois amigos, que se amavam muito e um dia ele trouxe uma ampolheta para ela./ **Mas** dentro da ampolheta tinha um mosquito que lhe entrou no nariz... (M.L., 3ª série)

(10) Chegando lá eles viram uma grande caverna e correram para lá, **mas** lá dentro estava cheio de teias de aranha (...) (L.M., 4ª série; possivelmente 1ª versão. Na 2ª versão L.M. troca o ‘mas’ por ‘só que’, o que indica que para ela esse ‘mas’ classificado como continuidade indica também uma oposição).

### 2.1.3 Operador Argumentativo

Percebemos, em algumas ocorrências, que o “mas” aparece em diálogos, marcando uma situação em que dois interlocutores defendem posicionamentos opostos. O uso do “mas”, nestes casos, introduz um argumento.

(11) - Porque você não lê um bom livro?  
- Porque eu não tenho um bom livro!  
- **Mas** eu faço um bom livro para você: (...) (M.L., 2ª série)

(12) - Porque você estava sujo.  
- **Mas** eu não gosto de banho.  
- **Mas** não importa vá dormir (...) (L.M., 3ª série; 1ª versão)

### 2.1.4 Suposições

Existem casos em que o “mas” aparece com caráter adversativo, mas as oposições não estão explícitas. Elas dependem muito de suposições de M. L. sobre o que seu leitor pode concluir de seus textos. Cabe ressaltar que no corpus de L.M. não foi encontrado nenhum exemplo dessa categoria.

(13) mo meio do caminho um lobo aparse **mas** um lobo bom que me levou para a mansão (M.L., 2ª série)

(14) Meu sonho é morar numa ilha, **mas** com a minha família, e meus amigos (M.L., 3ª série)

Em (13), a suposição que o leitor poderia fazer é que, se aparece um lobo, este deve ser mau. Então M. L. acrescenta “mas um lobo bom”, quebrando essa expectativa do leitor. No exemplo seguinte, M. L. diz que seu sonho é morar numa ilha e isso lhe faz supor que seu leitor pode pensar numa ilha deserta, uma vez que essa é uma concepção muito comum (tanto quanto o “lobo mau”). Ela então acrescenta “mas com a minha família, e meus amigos”.

### 2.1.5 Operador Discursivo

Durante um diálogo oral, é comum utilizar diversos recursos para se deixar claro ao interlocutor que o turno ainda não foi encerrado, entre eles o uso do conectivo “mas”. Nesses textos abaixo, os sujeitos utilizam o “mas” da mesma forma que o fazem na linguagem oral.

(15) Certa vez no relógio do Rio, uma moça estava esperando uma amiga, que vinha as 7 horas.

**Mas** já eram 7 e meia, nada de amiga,

- Oi tudo bem?

- Tudo. **Mas** você poderia me levar para a R. Coronel Quirino?

- Sim poderia **mas** qual é o teu nome? (M.L., 3ª série)

(16) (...) de repente, ouvi uma voz assim

- O que você está fazendo?

- Quem falou?

- Eu mas você não vai responder a minha pergunta?

- Paseando, mas e você que está falando? (L.M., 3ª série)

### 2.1.6 Interrupções

As ocorrências abaixo aparecem apenas no corpus de M.L. em situações nas quais ela interrompe o tema de que está tratando. Em alguns casos, ela retoma o tema inicial do qual havia se distanciado e, em outros, simplesmente muda de assunto. É interessante notar que em ambas as situações as interrupções são marcadas pelo “mas”.

- (17) Numa linda 6ª feira uma moça comprou um sapato: chegou em casa e descobriu que uma bruxa mora perto dela: sabe qual a pista? Um sapato furado: e descobriu que perto da cidade mora um lobisomem e a pista do lobisomem era um saco de presentes para lobisomesinhos: **mas** pensando bem nós devemos falar é da sopa da bruxa que estava preparando uma surpresa para a maça... (M.L., 1ª série)

### 2.1.7 Fórmulas

Por último, reunimos exemplos recorrentes de uso do “mas” em espécies de fórmulas.

- (18) Lá dentro era muito escuro. **Mas mesmo assim** ela resolveu prosseguir. (18/02/1986 – 4ª série, contexto escolar)

(19) *As borboletas falantes*

... Um dia saíram de casa para passear nas praças. **Mas De repente** a mãe Borboleta falou: (...) (L.M., 2ª série)

### 3. Observações finais

Através das nossas análises, percebemos que diferentemente da classificação simples dada pelas gramáticas normativas, existem inúmeras possibilidades distintas de uso do “mas” e essas podem ser agrupadas em categorias bastante diversas das tradicionais.

Em um primeiro momento, encontramos certa dificuldade em delimitar essas categorias, pois, se levado ao extremo, cada dado pode ser interpretado e classificado de maneira única. Porém, tal procedimento não teria valor analítico algum. Procuramos, então, deixar de lado as subcategorias que poderiam ser estabelecidas devido à individualidade dos dados para criar classes mais amplas, que pudessem englobá-los de acordo com suas características em comum.

Concluimos que a classificação é válida, uma vez que as categorias criadas a partir do corpus de M.L. puderam ser aplicadas aos dados de L.M. Acreditamos que elas também seriam úteis em análises de outros tipos de corpora, como textos literários, jornalísticos, dentre outros. Fica indicado, assim, um caminho para uma possível continuidade deste projeto.

---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. (1997). *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Mercado de Letras, Campinas.

- CUNHA, C. (1970) *Gramática do Português Contemporâneo*. Bernardo Álvares S/A, Belo Horizonte.
- PINTO, M. V. do A. V. C. (1989) *Mundo, mas linguagem: uma leitura semântica da conjunção mas*. Dissertação (Mestrado em lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- ROCHA LIMA, C. H. da. (1994). *Gramática normativa da língua portuguesa*. José Olympio, Rio de Janeiro.